

Políticas Públicas na Educação Brasileira

Ensino Aprendizagem e Metodologias

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
ENSINO APRENDIZAGEM E METODOLOGIAS**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas na educação brasileira: ensino aprendizagem e metodologias / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.
354 p. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 11)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-93243-85-1
DOI 10.22533/at.ed.851182604

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Professores – Condições de trabalho. 4. Professores – Formação.
I. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO I

O ENSINO DE BIOLOGIA NO PRÉ-VESTIBULAR SOLIDÁRIO: IMPLEMENTANDO MODALIDADES DIDÁTICAS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

José Jailson Lima Bezerra e Joseclécio Dutra Dantas..... 7

CAPÍTULO II

O USO DE JOGOS DIDÁTICOS E O ENSINO DE BIOLOGIA: APRENDENDO BOTÂNICA

Layane Pereira de Brito, Rafael Marinho Sousa, Kildery Muniz de Sousa, Antonio Edinardo Araújo Lima e Lucilene Silva Pereira Soares 17

CAPÍTULO III

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE METODOLOGIAS INOVADORAS E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE BIOLOGIA EM ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA-PI

Evandro Bacelar Costa, Raymara Sabrina Soares dos Santos, Alberto Alexandre de Sousa Borges, Adna Dallyla Torres Lopes e Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda..... 26

CAPÍTULO IV

A BOTÂNICA NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA ENSINÁ-LA

Andreia Quinto dos Santos, Guadalupe Edilma Licona de Macedo e Ricardo Jucá Chagas.....35

CAPÍTULO V

A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO ESTUDO DE CASO SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA OS DISCENTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Mariana Monteiro Soares Crespo de Alvarenga e Gerson Tavares do Carmo 43

CAPÍTULO VI

ATIVIDADES LABORATORIAIS: A IMPORTÂNCIA DAS MACROMOLÉCULAS NO NOSSO ORGANISMO

Hudson Guilherme Silva da Costa, Ranyelly Gomes Alves e Thiago Emmanuel Araújo Severo 56

CAPÍTULO VII

AVALIAÇÃO EM AULAS DE BIOLOGIA: OLHARES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Carlos Bruno Cabral de Oliveira, Mariana Guelero do Valle e Brenna Yonarah Santiago Avelar 63

CAPÍTULO VIII

CONHECIMENTOS PRÉVIOS DE ESTUDANTES DO FUNDAMENTAL II SOBRE PLANTAS

Anna Clara Targino Moreira Spinelli, Adrielly Ferreira Silva, Pietra Rolim Alencar Marques Costa e Rivete Silva Lima 76

CAPÍTULO IX

INSERÇÃO DE ATIVIDADES PRÁTICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO CONTEXTO DO ESTÁGIO DOCENTE- RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rosália Rodrigues da Costa Silva, Rayane Santana da Silva, Rose Kelly dos Santos Sousa e Emanuel Souto da Mota Silveira..... 86

CAPÍTULO X

O EFEITO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL

Nilson Soares de Vasconcelos Júnior, Maríllia Danielli Rodrigues Pontes e Lígia Gabriela da Cruz dos Santos..... 94

CAPÍTULO XI

O TEATRO CIENTÍFICO EXPERIMENTAL: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO E DE POPULARIZAÇÃO DA ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

Énery Gislayne de Sousa Melo e Antônio Carlos da Silva Miranda 101

CAPÍTULO XII

O USO DE MATERIAL DIDÁTICO ADAPTADO PARA ALUNOS CEGOS: EXPLORANDO O PERCEPTUAL TÁTIL ACERCA DAS CAMADAS DA TERRA

Ester Silva Chaves, Josiel de Oliveira Batista, Lucas Gomes de Sousa e Luciane Ferreira Mocrosky 115

CAPÍTULO XIII

PROPOSTAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS POR INVESTIGAÇÃO A PARTIR DE OBSERVAÇÕES EM UM LICEU FRANCÊS

Helaine Haddad Simões Machado, René Lozi e Nicole Biagioli 132

CAPÍTULO XIV

USO DA DINÂMICA “VOCÊ NA TEIA ALIMENTAR DO MANGUEZAL” PARA O ESTUDO DAS TEIAS ALIMENTARES

Nathalya Marillya de Andrade Silva, Márcia Adelino da Silva Dias, Josley Maycon de Sousa Nóbrega, Viviane Sousa Rocha, Cristiana Marinho da Costa e Silvana Formiga Sarmiento 149

CAPÍTULO XV

A RÍTMICA DE DALCROZE E O ORFF-SCHULWERK DE CARL ORFF PERSPECTIVAS BASEADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Tássia Luiz da Costa Porto e José Tarcísio Grunennvaldt 158

CAPÍTULO XVI

PRINCÍPIOS HISTÓRICO-PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA O ENSINO E PESQUISA

Marlon Messias Santana Cruz, Pedro Alves Castro, Ana Gabriela Alves Medeiros e Sebastião Carlos dos Santos Carvalho 166

CAPÍTULO XVII

A GEOGRAFIA ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA E O ENSINO NA SALA DE AULA

Sílvia César Lopes da Silva, Maria do Socorro Guedes, Islany Caetano de Souza, Chistiane Jéssika Vidal Santos e Naéda Maria Assis Lucena de Moraes 178

CAPÍTULO XVIII

O ENSINO DA CARTOGRAFIA NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DO IFPE SOB UMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA

Wagner Salgado da Silva e Ana Paula Torres de Queiroz..... 187

CAPÍTULO XIX

O USO DAS GEOTECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA REPRESENTAÇÃO FITOBOTANICA DAS PALMEIRAS EM MT – UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Zuleika Alves de Arruda, Barbara Albues Campos, Valeria Rodrigues Marques Rosa e Ythallo Henrique Sebastião Gomes Costa..... 197

CAPÍTULO XX

O USO DE SIMULADOR COMO RECURSO DIDÁTICO-METODOLÓGICO EM AULA DE GEOGRAFIA

Thayana Brunna Queiroz Lima Sena, Deyse Mara Romualdo Soares, Gabriela Teles, Luciana de Lima e Robson Carlos Loureiro 209

CAPÍTULO XXI

EXPLORANDO A HISTÓRIA E A CULTURA NA LINGUAGEM DE CINEMA DE ANIMAÇÃO COM O SOFTWARE PIVOT

Giselle Maria Carvalho da Silva Lima 222

CAPÍTULO XXII

A ELABORAÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS COMO RECURSO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Larisse Carvalho de Oliveira, Tiago Alves Nunes e Jorge Luis Queiroz Carvalho..... 230

CAPÍTULO XXIII

OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: UM CONVITE A REFLEXÃO E AÇÃO

Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti e Marcelo Silva de Souza Ribeiro 241

CAPÍTULO XXIV

A INFLUÊNCIA DO PERFIL ESTUDANTIL NO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO PEDAGÓGICO: UM TRABALHO REALIZADO NO ÂMBITO DO ESTÁGIO III DO IFBA DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

Amanda Moreira de Oliveira Melo e Wdson Costa Santos..... 254

CAPÍTULO XXV

A UTILIZAÇÃO DE JOGOS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA DINAMIZAR O ENSINO DE

QUÍMICA

Weslei Oliveira de Jesus e Grazielle Alves dos Santos..... 261

CAPÍTULO XXVI

CONSUMO SUSTENTÁVEL DE MATERIAIS: CONHECIMENTOS DE QUÍMICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIEDADE COM CIDADANIA.

Joaldo Bezerra de Melo 270

CAPÍTULO XXVII

ENSINO DA QUÍMICA: DESIDRATAÇÃO OSMÓTICA DE UM PONTO DE VISTA CONTEXTUALIZADO, INVESTIGATIVO E PROBLEMATIZADOR, COM DISCENTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Aline Maria Herminio da Mata, Francivaldo de Sousa, Anely Maciel de Melo, Bruno Rodrigues Dantas, Valéria Marinho Leite Falcão e Max Rocha Quirino 280

CAPÍTULO XXVIII

ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE EXPERIMENTO DIDÁTICO DE GALVANOPLASTIA UTILIZANDO MATERIAIS DE BAIXO CUSTO

Antonio Zilverlan Germano Matos, Marco Aurélio da Silva Coutinho, Eziel Cardoso da Silva, Abraão Leal Alves, Francisco Dhiêgo Silveira Figueiredo e Dihêgo Henrique Lima Damacena..... 290

CAPÍTULO XXIX

EXTRAÇÃO DE CAFEÍNA: COMO TEMA CONTEXTUALIZADO GERADOR DO CONHECIMENTO, ATRAVÉS DA TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO DE QUÍMICA

Francivaldo de Sousa, Aline Maria Hermínio da Mata, Bruno Rodrigues Dantas, Anely Maciel de Melo, Valéria Marinho Leite Falcão e Max Rocha Quirino..... 306

CAPÍTULO XXX

PRÁTICA PROFISSIONAL II: UMA ANÁLISE DA METODOLOGIA E APLICAÇÃO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS NO ENSINO DA QUÍMICA

Alisson de Lima Xavier, Maria das Graças Negreiros de Medeiros e Rafael Batista Reinaldo 316

CAPÍTULO XXXI

VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE QUÍMICA: O PAPEL DA EXPERIMENTAÇÃO NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO NÍVEL MÉDIO

Adriana Lucena de Sales, Emmanuele Maria Barbosa Andrade, Iessa da Silva Dias, Érica Araújo de Almeida e Alberlane da Silva Alves 325

Sobre os autores.....336

CAPÍTULO XVI

PRINCÍPIOS HISTÓRICO-PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA O ENSINO E PESQUISA

**Marlon Messias Santana Cruz
Pedro Alves Castro
Ana Gabriela Alves Medeiros
Sebastião Carlos dos Santos Carvalho**

PRINCÍPIOS HISTÓRICO-PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA O ENSINO E PESQUISA

Marlon Messias Santana Cruz

Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação – Campus XII

Pedro Alves Castro

Universidade Estadual do Sudoeste Baiano – Departamento de Educação

Ana Gabriela Alves Medeiros

Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação – Campus XII

Sebastião Carlos dos Santos Carvalho

Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação – Campus XII

RESUMO: A Educação Física no Brasil tem a sua história baseada no contexto sócio-político vigente em cada época. A disciplina escolar era entendida como atividade exclusivamente prática. Tinha como objetivo desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos, o referencial que sustenta seu conteúdo de ensino era oriundo das ciências biológicas que reforçava o seu caráter científico e eugênista. Partindo de dados existentes na literatura especializada apresenta-se no presente trabalho os caminhos percorridos pelo ensino da Educação Física ao longo de sua história. Analisadas sob um referencial crítico tratam de leituras minuciosas de textos da Educação Física sustentando uma práxis que culmine com a formação do sujeito. Neste contexto para o presente trabalho foi delineado como objetivo: analisar a evolução teórico/metodológica e epistemológica do ensino da educação física no Brasil. Desta forma, constata-se nos textos analisados que a os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foi se modificando ao longo dos anos e todas estas tendências ainda hoje influenciam, de algum modo, a formação do profissional e a prática pedagógica do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Escola; Tendências Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A Educação Física no Brasil tem a sua história baseada no contexto sócio-político vigente em cada época. Esta, durante a sua história, foi utilizada com objetivos diversos, que vão da educação à alienação. Atualmente a Educação Física vem teoricamente assumindo um novo papel social. Este novo paradigma baseia-se numa concepção holística de homem, que busca superar a visão da prática pela prática, de treinamento, performance e construção de atletas como finalidade única.

No Brasil a inserção da educação física na escola se deu esforço da instituição militar, sendo as aulas ministradas pelos instrutores do exército. A disciplina escolar era entendida como atividade exclusivamente prática. Tinha como objetivo desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos, o referencial que sustenta seu conteúdo de ensino era oriundo das ciências

biológicas que reforçava o caráter científico e eugênista da disciplina. No período pós-guerra surge no Brasil a divulgação e influência do esporte na educação física escolar, isto identificou a subordinação da disciplina escolar aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte determinou o conteúdo das aulas estabelecendo novas relações entre professor e aluno, perpassando de professor-instrutor e aluno-recruta (militarista) a professor-treinador e aluno-atleta (esportivista) (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

TRANSFORMAÇÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física Escolar, tal como a conhecemos hoje, tem suas razões na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX. Surgindo no Brasil por volta do século XIX com o nome de ginástica, ligação com a classe militar e médica, sendo então, a Educação Física, filha legítima do militarismo e adotivas das medicinas higiênicas e eugênicas. Surgiu da necessidade de formar guerreiros, fortes e destemidos. (SOLER, 2003)

No final do século XIX só quem tinha acesso a Educação Física era a classe dominante e a partir do ano de 1920, temos uma invasão dos métodos ginásticos europeus como o sueco, o alemão e também o francês, os quais faziam parte de um movimento chamado “Movimento Ginástico Europeu”. A Educação física era entendida como atividade exclusivamente prática, sem reflexão e sem crítica sobre sua atuação, afastando-a da finalidade educativa (SOLER, 2003). No estado novo (1937-1945), a educação física fica em poder do governo que faz com que a educação física tenha em destaque o “adestramento”, homem disciplinado, dócil, forte e sadio.

Segundo Bracht (1999), a constituição pedagógica da educação física, ou seja, a instalação dessa prática pedagógica na instituição escolar emergente dos séculos XVIII e XIX foi fortemente influenciada pela instituição militar e pela medicina. A instituição militar tinha a prática – exercícios sistematizados que foram ressignificados (no plano civil) pelo conhecimento médico. Isso vai ser feito numa perspectiva terapêutica, mas principalmente pedagógica. Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos). Essa saúde ou virilidade (força) também pode ser (e foi) ressignificada numa perspectiva nacionalista/patriótica.

Segundo Melo (1999), a história da Educação Física encontrou institucionalização no Brasil Imperial, em meados de 1822 a 1889, quando a atividade física ganhou espaço nas Leis e Decretos que legislam acerca da Educação Física e Desportos, reforçadas pelos pareceres de um dos Patronos da Educação Física Brasileira: “Rui Barbosa”, que, naquela época, buscava chamar atenção para os valores que a atividade física podia desenvolver. Diante desse significativo apelo e da mobilização social desencadeada, assistiu-se em 1851, a promulgação da lei nº 630 que incluía a ginástica nos currículos escolares no Brasil.

Ainda de acordo com Melo (1999), foi desse modo que a Educação Física brasileira transpôs os muros da escola trazendo características da ideologia positivista. Este caráter militarista perdurou durante as quatro primeiras décadas do século XX, valorizando a educação do físico e da saúde corporal. Percebe-se uma forte influência dos métodos ginásticos trazidos pelos professores de Educação Física europeus que apresentavam uma rígida formação militar.

Desta forma, Ghiraldelli Junior (2001) apresenta o resgate de cinco tendências históricas da educação física brasileira, segundo o autor, todas as tendências apresentadas estão ainda incorporadas nas práticas pedagógicas dos professores de educação física nos tempos atuais.

EDUCAÇÃO FÍSICA HIGIENISTA

Existe pelo menos um ponto em comum entre as várias concepções de Educação Física: a insistência na tese da Educação Física como atividade capaz de garantir a aquisição e manutenção da saúde individual.

No caso da Educação Física Higienista, a ênfase em relação à gestão da Saúde está em primeiro plano, visando uma formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação. A Educação Física Higienista é uma concepção que se preocupa em exigir a Educação Física como agente de saneamento público, na busca de uma “sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios deteriorados da saúde e do caráter do homem do povo”. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001)

EDUCAÇÃO FÍSICA MILITARISTA (1930 – 1945)

A Educação Física militarista não se resume numa prática militar de preparo físico. É, acima disso, uma concepção que visava impor a toda a sociedade padrões de comportamento estereotipados, frutos da conduta disciplinar própria ao regime da época.

Também preocupada com a saúde individual e com a saúde pública ela tem por objetivo fundamental a preparação e/ou condicionamento, capaz de suportar o combate, a luta, a guerra, sendo suficientemente rígida para “elevar a nação” à condição de “servidora e defensora da pátria”.

A Educação Física funcionava mais como selecionadora de “elites condutoras” capaz de distribuir melhor os homens e mulheres nas atividades sociais e profissionais, eliminando os fracos e premiando os fortes no sentido da “depuração da raça”. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001)

EDUCAÇÃO FÍSICA PEDAGOGICISTA (1945-1964)

A Educação Física pedagogicista é a concepção que vai questionar da sociedade a necessidade de encarar a Educação Física como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a Educação Física como uma prática eminentemente educativa, respeitando suas peculiaridades culturais, físico-morfológica e psicológicas. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001)

EDUCAÇÃO FÍSICA COMPETITIVISTA (Pós 1964)

Seu objetivo fundamental era a caracterização da competição e da superação individual como valores fundamentais e desejados para uma sociedade moderna, voltada, então, para o culto do atleta-herói. Nessa época a Educação Física fica reduzida “ao desporto de alto nível”, massificando a prática desportiva.

Na educação física competitivista deu-se início ao treinamento desportivo baseado nos avançados estudos de Fisiologia do Esforço e da Biomecânica, capazes de melhorar as técnicas desportivas. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001)

EDUCAÇÃO FÍSICA POPULAR.

A Educação Física Popular não estava preocupada com a saúde pública, pois entendia que tal questão não podia ser discutida independentemente do levantamento da problemática forjada pela atual organização econômico-social e política do país. A Educação Física Popular também não se pretende disciplinadora de homens e muito menos está voltada para o incentivo da busca de medalhas. Ela é, antes de tudo, ludicidade e cooperação, e aí o desporto, a dança, a ginástica etc. assumem um papel de promotores da organização e mobilização dos trabalhadores, e mais que isso, a Educação Física serve então aos interesses daquilo que os trabalhadores historicamente vêm chamando de “solidariedade operária”. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001)

Em oposição a estas vertentes citadas nasceram estas novas tendências. Estas novas metodologias procuraram criar estratégias e encaminhamentos diversificados com o intuito de observar a Educação Física como uma disciplina cujo objetivo seja a formação integral dos alunos no processo escolar. Os objetivos de todas essas metodologias são interdependentes, necessitando-se mutuamente e exigindo competências e responsabilidades de todos que se envolvem no processo ensino/aprendizagem (OLIVEIRA apud GRESPAN, 2002).

Para Assis de Oliveira (2001), a influência do esporte na Educação Física se dá após a segunda guerra mundial, fortalecida pela ditadura militar que em seus objetivos incluía o desenvolvimento das aptidões físicas pela execução mecânica de exercícios de alto rendimento. Dessa forma, o aluno era visto como um atleta em potencial e as aulas de Educação Física deveriam desenvolver a qualidade e performance dos movimentos.

A partir deste momento o esporte torna-se conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física na escola e o ensino deste componente curricular passou a privilegiar a relação professor-treinador e aluno-atleta.

No ESPORTIVISMO, os objetivos e a metodologia assemelhavam-se mais a um treinamento, centrando-se nas repetições para a aquisição da técnica (forma de executar o movimento), visando atingir um padrão de rendimento máximo. Assim, as informações técnicas eram exaltadas em contrapartida às reflexões teóricas e sócio-históricas, que ficavam em segundo plano.

É importante salientar que estas considerações também eram inerentes às outras áreas (disciplinas), não só à Educação Física. Por conseguinte, o papel da Educação Física Escolar era o de aprimorar a potencialidade dos alunos/atletas, com ênfase na aprendizagem esportiva visando o rendimento, sem, entretanto, abandonar os modelos anteriores do higienismo e militarismo.

Daí a forte presença da aprendizagem do modelo esportivo no imaginário da Educação Física até os dias de hoje. O papel do professor é semelhante ao do técnico, do treinador e o do aluno, ao de atleta (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Infelizmente esta tendência foi muito intensa e está presente até hoje nas aulas

Educação Física Escolar e nas concepções dos professores

Segundo Coletivo de Autores (1992) em oposição à perspectiva biologicista, militarista e depois tecnicista-esportivizada, que foram responsáveis pela inserção e consolidação da educação física enquanto componente curricular, visões estas que fragmentam o homem em corpo-mente, sustenta a valores eugênistas ou ainda transforma os alunos em atletas, surge na década de 70 e 80 os movimentos “renovadores” da educação física.

Nos anos 80 começa a discutir uma Educação física para todos. Ampliou-se de uma área biológica, percebendo agora as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, enxerga o aluno como ser humano integral já não pode ser “cortado em fatias”, passando a trabalhar com esporte, jogo, dança, lutas, capoeira, enfim, as manifestações da cultural corporal.(BRACHT, 1999).

A PSICOMOTRICIDADE surgiu nos últimos anos da década de 1970, a Educação psiconética tornou-se relevante em alguns programas de Educação Física Escolar. Também conhecida por educação psicomotora, essa proposta foi divulgada inicialmente em programas de escolas em educação especial para alunos portadores de deficiência física e mental.

A psicomotricidade é o primeiro movimento mais articulado que surge a partir da década de 70 em contraposição dos movimentos anteriores. Nesta abordagem o envolvimento da Educação Física é com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, motores e afetivos, ou seja, buscava garantir a formação integral do aluno (SOARES apud DARIDO, 2001). Então esta tendência começa uma nova fase de preocupações para o professor de Educação Física que extrapola os limites biológicos e de rendimento corporal, passando a incluir e a valorizar o conhecimento de origem psicológica.

Utiliza-se da atividade lúdica como impulsionadora dos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Trata das aprendizagens significativas, espontâneas e exploratórias da criança e de suas relações interpessoais. Focaliza-se na criança pré-escolar, destacando sua pré-história como fator de adoção de estratégias pedagógicas e de planejamento. Busca analisar e interpretar o jogo infantil e seus significados.

O autor que mais influenciou o pensamento psicomotricista no Brasil foi o francês Jean Le Bouch, através de várias publicações e até em visitas ao Brasil Le Bouch, ajudou a fortalecer esta tendência no nosso país.

Já a abordagem DESENVOLVIMENTISTA apresenta que a sua central idéia é oferecer à criança oportunidade de experiências de movimentos de modo a garantir o seu desenvolvimento normal, ou seja, de modo a atender essa criança em suas necessidades de movimento. Esta abordagem desenvolvimentista foi dirigida inicialmente para crianças de 4 a 14 anos, buscando, nos processos de aprendizagem desenvolvimentista, uma fundamentação necessária para a Educação Física Escolar (BRACHT, 1999). Tem como meio e fim principal da Educação Física o movimento, e busca nos processos de aprendizagem e desenvolvimento uma fundamentação para a Educação Física Escolar. É uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do

desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social, na aprendizagem motora, busca em função destas características sugerir elementos para a estruturação da educação física escolar.

Procura privilegiar a aprendizagem do movimento embora possa estar ocorrendo outras aprendizagens decorrentes da prática das habilidades motoras. Preconiza para a educação física que seja proporcionada ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação, do aumento da diversidade e da complexidade de movimentos, oferecendo experiências de movimento adequadas ao seu estágio de crescimento e desenvolvimento para que as habilidades motoras sejam alcançadas.

Sua base teórica é essencialmente a psicologia de desenvolvimento e da aprendizagem e alguns de seus principais autores são Go Tani, Edson de Jesus Manuel e Ruy Jornada Krebs. Segundo alguns autores, esta abordagem é uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social, na aprendizagem motora. E a partir destas características eles sugerem elementos ou aspectos relevantes para a estruturação na Educação Física escolar. “É uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, motor, cognitivo e afetivo-social na aprendizagem motora e, em função dessas características, sugerir aspectos relevantes para a estruturação das aulas” (TANI et al. Apud DARIDO e NETO, 2005).

O reconhecimento do erro deve ser feito pela observação sistemática das fases de aquisição de cada uma das habilidades motoras, de acordo com a faixa etária.

A proposta CONSTRUTIVISTA – INTERACIONISTA apresenta um discurso cada vez mais presente nos diferentes segmentos do contexto escolar, opondo-se a ideia mecanicista da Educação Física, que caracterizada pela busca do desempenho máximo, de padrões de comportamento sem considerar as diferenças individuais e as experiências vividas pelos alunos, com o objetivo de selecionar os mais habilidosos para competições esportivas. (DARIDO e NETO, 2005).

Trabalhar com situações de conflito cognitivo a partir o que o sujeito sabe é do que deve ser aprendido, a abordagem construtivista-interacionista busca a formação integral do aluno com a inclusão das dimensões afetivas e cognitivas ao movimento humano. Esta abordagem tem influências da psicologia, baseando-se nos trabalhos de Jean Piaget, Lê Boulch e Vygotsky. Sendo seu maior colaborador o professor João Batista Freire e a obra mais representativa desta proposta o livro “*Educação de corpo inteiro*” (1989). A valorização das experiências dos alunos e da sua cultura são os principais aspectos positivos da proposta construtivista. Além de propor métodos alternativos e diretivos, permite assim ao aluno a construção do conhecimento, através da interação com o meio, dando a eles oportunidades para a resolução de problemas na construção do seu próprio modelo de movimento.

O movimento deveria ser o primeiro instrumento para facilitar a aprendizagem de conteúdos diretamente ligados ao aspecto cognitivo, como aprendizagem da leitura, da escrita, da matemática entre outros. “Essa proposta

poderia ser sintetizada como uma metodologia voltada para ensinar as pessoas a terem consciência de que são um corpo, desenvolvendo habilidades que permitem as expressões no mundo”. (GRESPLAN, 2002).

A abordagem da SAÚDE RENOVADORA tem por paradigma a aptidão física relacionada à saúde e alguns dos seus objetivos são informar, mudar atitudes e favorecer a prática sistemática de exercícios físicos. Seus pressupostos e finalidades são semelhantes ao modelo higienista biológico, que promovia saúde por meios de exercícios físicos nas aulas de Educação Física, alguns aspectos distinguem esta proposição mais recente, apresentando uma abordagem mais atual.

Uma das principais preocupações da comunidade científica nas áreas da Educação Física e da saúde pública é levantar alternativas que possam auxiliar na tentativa de reverter à elevada incidência de distúrbios orgânicos associados à falta de atividade física. Os autores, baseados em diferentes trabalhos americanos, entendem que as práticas de atividade física vivenciada na infância e na adolescência se caracterizam como importantes atributos no desenvolvimento de atitudes, habilidades e hábitos que podem auxiliar na adoção de um estilo de vida saudável e ativo na fase adulta da vida. E como propostas sugerem a redefinição do papel dos programas de Educação Física escolar para uma das formas de promoção de saúde. (NAHAS apud DARIDO, 2001)

Autores que defendem este modelo de Educação Física na escola criticam os professores que trabalham apenas com modalidades esportivas como futsal, futebol, basquete, vôlei, handebol, pois argumentos que estes modelos de aulas impedem os escolares de terem acesso a atividades esportivas alternativas que eventualmente possam apresentar uma maior adesão a sua prática fora do ambiente escolar. (GUEDES e GUEDES apud DARIDO, 2001)

Estes autores consideram que as atividades esportivas são menos interessantes para a promoção da saúde, devida a dificuldade no alcance das adaptações fisiológicas e depois porque não se torna uma prática contínua durante toda a vida. Porém, a utilização desta abordagem deve enfatizar todo um processo educativo, requisitando aos alunos uma auto-avaliação que favoreça a auto-estima em relação aos programas individual. Para o professor, a avaliação é tida como referencial no acompanhamento de progresso individual dos alunos. (DARIDO e NETO, 2005)

Apresenta que é de fundamental importância a promoção da prática prazerosa de atividades que conduzam ao aperfeiçoamento das áreas funcionais: resistência orgânica ou cardiovascular; flexibilidade; resistência muscular e a composição corporal como fatores coadjuvantes na busca de uma melhor qualidade de vida por meio da saúde. Conforme Guedes (2004), “A aptidão física relacionada à saúde abriga aqueles aspectos da função fisiológica, que oferecem alguma proteção aos distúrbios orgânicos provocados por um estilo de vida sedentário”. Considera que a conquista por melhores momentos de satisfação pessoal e coletiva esteja na busca da Qualidade de Vida da população e também na adaptação as condições vivenciadas, como fatores colaboradores para estes

fins: a saúde; o lazer; os hábitos do cotidiano, o estilo de vida, hábitos alimentares saudáveis. Nahas (1998) afirma que: no contexto das sociedades industrializadas e em desenvolvimento, o estilo de vida e, em particular, a atividade física, tem, cada vez mais, representado um fator de qualidade de vida tanto quanto relacionada à saúde das pessoas de todas as idades e condições socio-econômicas, estando associada a maior capacidade de trabalho físico e mental, mais entusiasmo para a vida e sensação de bem estar, menores gastos com a saúde, menores riscos de doenças crônicas degenerativas e mortalidades precoces.

Nos anos 90 nota-se o caminhar da Educação Física, acompanhando a tendência do momento da educação brasileira, a Educação Física propõe mudanças reais no trato do seu conhecimento, pois todo conhecimento é histórico e sujeito a mudanças, e desta forma cabe aos educadores a propagação destes conhecimentos históricos.

Assim, surge a pedagogia CRÍTICO-SUPERADORA, esta abordagem está consolidada no livro Metodologia do Ensino da Educação Física, COLETIVO DE AUTORES, publicado em 1992. Esta proposta baseia-se fundamentalmente na pedagogia histórico-crítica desenvolvida por Dermerval Saviani e José Carlos Libâneo. Entende-se nesta proposta que o objeto de estudo da área de conhecimento da Educação Física é a cultura corporal que se concretiza nas suas diferentes faces como o esporte, a ginásticas, o jogo, as lutas, a dança e a mímica. (BRACHT, 1999).

Fundamenta-se a partir de uma ação comunicativa que cria o problema, visando a uma interação responsável, participativa e produtiva. O eixo central da crítica nesta abordagem se faz ao paradigma da aptidão física e esportiva dada pela análise da função social da educação, e da Educação Física em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças injustas de classe.

Esta pedagogia levanta questões de poder, interesse, esforço e contestação. Acredita que qualquer consideração sobre a pedagogia mais apropriada deve versar, não somente sobre questões de como ensinar, mas também sobre como adquirimos estes conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico. Esta percepção é fundamental na medida em que possibilitaria a compreensão, por parte do aluno, de que a produção da humanidade expressa uma determinada fase e que houve mudanças ao longo do tempo. De acordo com Coletivo de autores (1992), a pedagogia crítico-superadora tem características específicas, ela é diagnóstica porque pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor. Este juízo é dependente da perspectiva de quem julga. É judicativa porque julga os elementos da sociedade a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social. Esta pedagogia é também teleológica, pois busca uma direção, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete. “A percepção do aluno deve ser orientada para um determinado conteúdo que apresente a necessidade de solução de um problema nele implícito”. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Suas categorias de ação são as de trabalho, interação e linguagem. E explícito no seu objetivo de estudo, está o movimento humano enquanto cultura, produzido e acumulado historicamente. Ver a participação das manifestações da cultura corporal como elemento de transformação social, liberando-o de estruturas coercitivas.

A abordagem CRÍTICO EMANCIPATÓRIA é um dos desdobramentos da tendência crítica e valoriza a compreensão crítica do mundo, da sociedade e de suas relações, sem a pretensão de transformar esses elementos unicamente por meio escolar. Assumindo a utopia que existe no processo/ensino aprendizagem, limitado pelos condicionantes capitalistas e classistas, e se propõe a aumentar os graus de liberdade do raciocínio crítico e autônomo dos alunos. (BRACHT, 1999)

Esta abordagem tem como principal formulador o professor Elenor Kunz. A proposta de Kunz parte de uma concepção do movimento que ele denomina de dialógica. O movimento humano é entendido nesta concepção como uma forma de comunicação com o mundo. A proposta oposta para a tematização dos elementos da cultura do movimento de forma a desenvolver em seus alunos a capacidade de analisar e agir criticamente no contato inserido.

Kunz defende o ensino crítico, pois é a partir dele que os alunos passam a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade, os mesmos que formam falsas convicções (DARIDO e NETO, 2005). Assim a tarefa da Educação crítica é promover condições para que essas estruturas autoritárias sejam suspensas e o ensino encaminhado para uma emancipação, possibilitando pelo uso da linguagem, que tem um papel muito importante no agir comunicativa.

Para desenvolver perspectivas de mudança com respeito, principalmente a estes fatores interpretantes como evidentes na Educação Física e que limitam as suas atividades apenas a atividades esportivas e com especial atenção às destrezas motoras e/ou atividades de condicionamento físico não é suficiente preocupar-se somente com mudanças nos conteúdos ou nas formas e métodos de transmissão dos mesmos; é necessário, isto sim, uma mudança total da própria concepção da Educação Física e do seu processo do ensino e aprendizagem (KUNZ, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo dos anos e todas estas tendências ainda hoje influenciam, de algum modo, a formação do profissional e a prática pedagógica do professor. Na educação física, como em qualquer outro componente curricular, não existe uma única maneira de pensar e implementar a disciplina na escola. Enquanto a educação física não respeitar o momento histórico-evolutivo por que passam os sujeitos e a sociedade, estará cometendo alguns equívocos (MEDINA, 1996).

Atualmente entende-se a Educação Física escolar como uma disciplina que

introduz e integra o aluno na cultura corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, os esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (DARIDO e RANGEL 2005). Trata-se de localizar em cada uma destas práticas corporais produzidas pela cultura os benefícios humanos e suas possibilidades na organização da disciplina no contexto escolar (DARIDO e RANGEL, 2005).

A Educação Física sofreu várias mudanças no seu contexto, no entanto assim como em outras épocas, ainda continua, mesmo que de forma camuflada, voltada para atender aos interesses das classes dominantes e do próprio sistema capitalista de produção, com um mercado de trabalho cada vez mais exigentes, competitivos e excludente. Com isso, apesar de todas as inovações pedagógicas em prol do pleno desenvolvimento do educando, a educação física ainda se destina a formação de mão de obra qualificada para atender à demanda do crescimento econômico do país, formando pessoas cada vez mais subordinadas e alienadas ao sistema capitalista de produção que visa o acúmulo de lucros e capitais, concentrados nas mãos de poucos.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Caderno Cedes ano XIX, Nº 48, Campinas – SP, Agosto 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades**. Revista Perspectivas em Educação Física Escolar, Niterói: RJ. V. 2, n. 1 (suplemento), 2001

DARIDO, Suraya Cristina; NETO, Luiz Sanchez. **O contexto da educação física na escola**. In: *Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica*. DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Orgs). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. Campinas, Scipione, 1989.

GHIRALDELLI Jr. Paulo. **Educação Física progressista: a pedagogia crítico – social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 2001.

GRESPLAN, Márcia Regina. **Educação Física no ensino fundamental: primeiro ciclo**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

GUEDES, Dartagnan Pinto. **Fundamentos e princípios pedagógicos da educação física: uma perspectiva no campo da educação para a saúde** IN: *Pedagogia Cidadã: Caderno de Formação, Educação Física*. DARIDO, Suraya Cristina; MAITINO, Edison Moraes (Orgs). São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

KUNZ, E. **Transformação Didática Pedagógica no Esporte**. Ijuí: Unijuí, 2004.

MEDINA, João Paulo S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. 14 ed. Campinas-SP: Papyrus, 1996.

RESENDE, Helder Guerra de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Conhecimento e especificidade da Educação Física escola, na perspectiva da cultura corporal**. In. *Revista Paulista da Educação Física*, supl. 2, 1996.

SOLER, Reinaldo. **Educação física escolar**. Rio de Janeiro, Sprint, 2003.

tiagopark@gmail.com

Valéria Marinho Leite Falcão: Graduanda em Licenciatura em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Paraíba; Grupo de pesquisa – Grupo de Pesquisa em Ensino Química - GPEQ; E-mail para contato: valeriafalcao001@gmail.com

Valeria Rodrigues Marques Rosa: Estudante do Ensino Médio Integrado em Agrimensura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) - Campus Cuiabá. E-mail: valeriarrosa@gmail.com

Viviane Sousa Rocha: Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba (2016). Foi monitora dos componentes curriculares Filosofia da Educação e Pensamento Pedagógico Contemporâneo. Desenvolveu pesquisas na Empresa Brasileira de Agropecuária (Embrapa), como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), entre os anos de 2013 à 2015. Mestranda no programa de pós graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Wagner Salgado da Silva: Graduação em Licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE – *Campus Recife*; - Grupos de Pesquisa: Educação: Políticas e Práticas Pedagógicas e Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências – GEPEC; Bolsista do PIBIC financiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE – *Campus Recife*; E-mail: wagnersalgado@hotmail.com.br

Wdson Costa Santos: Professor de Química do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA – *Campus de Vitória da Conquista*; Graduação em Licenciatura em Química pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB (2009); Mestrado em Química Analítica pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2012); Grupo de pesquisa: Coordenador do subprojeto PIBID/CAPES

Weslei Oliveira de Jesus: Acadêmico do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Têm interesse na área de Ensino de Química.

Ythallo Henrique Sebastião Gomes Costa: Estudante do Ensino Médio Integrado em Agrimensura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) - Campus Cuiabá. E-mail: ythallo.henrique@gmail.com

Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti: Professora da Universidade do Estado de Pernambuco (UPE); Graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Mestrado Profissional em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (UPE); Grupo de pesquisa: Linguagem em Contexto Educacional/UPE; E-mail para contato: zairacavalcanti@hotmail.com

Zuleika Alves de Arruda: Professora de Geografia do Ensino Médio e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) - Campus “ Octayde Jorge da Silva” - Cuiabá. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-Doutorado no Departamento de Geoinformática da Universidade Friedrich Schiller - Universitat Jena, FSU, Alemanha. E-mail: zuleika.arruda@cba.ifmt.edu.br

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-85-1



9 788593 243851